

Artur K. Wardega SJ, director do IRM, reúne seis especialistas de diferentes universidades (Tóquio, Oxford, Washington, San Francisco, Lisboa e Coimbra) e seis ensaios que actualizam as perspectivas históricas sobre a obra da Companhia de Jesus e a actuação de A. Valignano em particular, como missionário, como escritor e como fundador do Colégio de São Paulo em Macau. À excepção do primeiro estudo, de Carlota Miranda Urbano, convidada a colaborar nesta obra colectiva, trata-se de um conjunto de ensaios já publicados e aqui reunidos pela oportunidade do tema para os objectivos do IRM e da série. M. Antoni J. Uçerler, SJ e Carlota Miranda Urbano apresentam a obra missionária dos jesuítas e de Valignano em particular como percursos de globalização, graças sobretudo à assimilação do cristianismo com a cultura local e ao carácter trilingue da sua evangelização (japonês, latim, português). John Witek, SJ e João Paulo Oliveira e Costa ocupam-se da especificidade do Colégio de Macau, aportando novos documentos acerca da fundação do colégio e do papel que este desempenhou para que Macau deixasse de ser um mero ponto de passagem e se tornasse suporte essencial da missão na China e no Japão (a presença de japoneses jesuítas em Macau entre 1595 e 1614 é aliás ilustrada por duas tabelas que ocupam as pp. 116-119). A actividade de Alessandro Valignano como Visitador da Província do Oriente e seu estratega, em relação estreita com Matteo Ricci, é estudada por Edward J. Malatesta, SJ; o último estudo, de Marisa Di Russo, é uma útil e despretensiosa “Cronologia de Alessandro Valignano”, cuja biografia é em geral ainda mal conhecida, seguido de uma bibliografia e um índice de matérias que enriquecem a publicação com as ferramentas mais úteis à investigação.

Portrait of a Jesuit. Alessandro Valignano é um exemplar do que as instituições académicas e os autores podem fazer em rede, quando o seu saber se articula para reunir o que de melhor se produz a nível mundial e conferir-lhe a visibilidade que merece.

MARIA MARGARIDA MIRANDA

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_66_31

Germán Santana Henríquez (ed.), *Plutarco y las artes – XI Simposio Internacional de la Sociedad Española de Plutarquistas*, Madrid, Ediciones Clásicas, 2013, 494 pp. ISBN: 84-7882-775-7

Este livro reúne as quarenta e três comunicações proferidas no âmbito do XI Simposio Internacional de la Sociedad Española de Plutarquistas,

subordinado ao tema *Plutarco y las artes*, que teve lugar em Las Palmas de Gran Canária, entre os dias 8 e 10 de novembro de 2012. Nele participaram especialistas na obra do Queroneu oriundos de Espanha, França, Portugal, Itália, Grécia, Alemanha, Reino Unido, Bélgica, Suécia, Israel e Estados Unidos da América.

A divisão do volume em sete partes traduz, segundo o editor, as diferentes acepções do termo *technai* em grego: Plutarco y el arte de la retórica, Plutarco y el arte amoroso, Plutarco y otras artes, Plutarco y el mito, Plutarco y el humanismo, Plutarco y la tradición clásica e *Varia*.

Na primeira parte – Plutarco y el arte de la retórica – estão incluídos três textos. O primeiro, “El arte de la retórica en Plutarco”, é da autoria de José Antonio Fernández Delgado (Universidade de Salamanca) e reflecte sobre a presença de diferentes tipos de *progymnasmata* quer nas *Vitae* quer nos *Moralia*. No segundo, “Para una poética del diálogo: el buen hablar en las *Quaestiones Convivales* de Plutarco”, Anna Ginestí Rosell (Universidade de Eichstätt-Ingolstadt) apresenta o modelo de comunicação ideal no âmbito de um *symposium*, cujas regras os simposiastas devem conhecer. Já o texto de Ana Vicente Sánchez (Universidade de Saragoça), intitulado “La τέχνη ῥητορική en *Περὶ Δεισιδαιμονίας*”, identifica com pormenor alguns dos argumentos e premissas que Plutarco utiliza para descrever a superstição e a condição do supersticioso com base na teoria retórica de Aristóteles e na de Anaxímenes.

A segunda parte – Plutarco y el arte amoroso – é constituída por quatro estudos. Em “La *téchne erotiké* de Sócrates en Plutarco”, Marcos Martínez Hernández (Universidade Complutense de Madrid) ocupa-se da opinião do biógrafo sobre a vida amorosa de Sócrates, dando particular atenção às relações pederásticas que este manteve, sem esquecer o seu casamento com Xantipa. Em “Formas prosificadas de la elegía helenística: la historia de Acteón el argivo *De Amat. Narr. II (Mor. 772C-773B)*”, Rafael Gallé Cejudo (Universidade de Cádiz) compara o tratamento da história de Acteón em Parténio e Plutarco, sobretudo com base num extenso fragmento elegíaco de Alexandre da Etólia, que o primeiro cita, com o intuito de identificar os processos utilizados para prosificar o tema. “La *παρθένος* sin *παρθενία*: modelo de la jovencita casadera en la obra *Virtudes de mujeres* de Plutarco”, de Guillermina González Almenara (Universidade de La Laguna), centra-se na análise das ocorrências do vocábulos *παρθένος* (quer enquanto substantivo quer enquanto adjetivo) para tentar perceber, entre outras coisas, se, para Plutarco, a *παρθενία* é uma virtude fundamental para a *παρθένος*.

“A ζήτημα on Eros and poetry in Plutarch (*Quaest. Conv.* 1,5)”, de Geert Roskam (Universidade Católica de Lovaina), compara as reflexões sobre a relação entre amor e poesia apresentadas em *Mor.* 622C-623D com as que ocorrem em *Mor.* 762D-763 e *Mor.* 405D-406B.

O terceiro bloco de textos – Plutarco y otras artes – é o mais extenso dos três, pois nele estão incluídos dezoito textos. Carlos Alcalde Martín (Universidade de Málaga), em “Actitud de Plutarco y sus héroes ante las artes plásticas”, chama a atenção para a escassez de referências a obras de arte nas biografias do Queronense e procura analisar a pertinência e o objectivo concreto de cada uma dessas alusões. José María Candau Morón (Universidade de Sevilha), em “Plutarco y la historia moderna: las *Vidas de Galba y Otón*”, em jeito de resposta a um estudo de G. Morgan (69 A. D.: *The Year of Four Emperors*, 2007), recorda a especificidade das biografias em causa, na tentativa de retratar a imagem de Plutarco enquanto biógrafo e deste núcleo da sua obra. Josep Antoni Clúa Serena (Universidade de Lérida), em “Plutarco (*Quaest. Conviv.* IX, 1-3), los trágicos griegos y Filóstrato en torno al origen del arte de la escritura”, relaciona alguns fragmentos de tragédia sobre a figura de Palamedes enquanto inventor de algumas letras do alfabeto (recentemente reconstituídos) com a versão do mito veiculada pelo polígrafo de Queroneia e com o *Fedro* de Platão. José García López (Universidade de Múrcia), em “El arte poético-musical en Plutarco (*Quaestiones Convivales*)”, lembra a discussão sobre os subgéneros dramáticos cuja representação ou leitura seria apropriada num banquete, discussão essa que acaba por constituir uma espécie de breve teorização literária reveladora da estreita relação entre palavra e música na tragédia, na comédia (antiga e nova) e no mimo. Cecile Grossel (Universidade de Lille III), “Émotions esthétiques et arts libéraux dans le *Non posse suaviter vivi secundum Epicurum* de Plutarque”, discorre sobre a análise refutatória que Plutarco faz da crítica epicuriana das emoções estéticas decorrentes da prática das artes liberais. Michiel Meeusen (Universidade Católica de Lovaina), em “Natural Philosophy, Technê and Technicality in Plutarch”, reflecte sobre o nível de tecnicidade do vocabulário científico utilizado pelo Queronense. A. G. Nikolaidis (Universidade de Creta), em “Plutarch’s Views on Art and especially on Painting and Sculpture”, insiste na ideia de que, apesar de platonista convicto, Plutarco reconhece o valor das artes e revela-se um apreciador informado e sensível das diferentes manifestações artísticas. D. Plácido (Universidade Complutense de Madrid), em “Las

artes banáusicas en el pensamiento social de Plutarco”, fala da conotação do trabalho artesão com as classes sociais mais baixas e desfavorecidas (pelo que era indigno da aristocracia) desde tempos mais remotos até ao período em que Plutarco viveu na tentativa de perceber qual o reflexo dessa evolução na obra do biógrafo. Aurelio Pérez Jiménez (Universidade de Málaga), em “Interpretación moral de las obras de arte en Plutarco”, analisa alguns excertos nos quais o biógrafo defende que as acções estão mais aptas a representar e glorificar a virtude do que as obras de arte, bem como alguns emblemas de Alcíades que têm por inspiração textos de Plutarco. Francisca Pordomingo Pardo (Universidade de Salamanca), em “La poesía griega y su ejecución en *Moralia*: canto, música y danza a partir de la época helenística”, percorre um conjunto de passos reveladores do interesse de Plutarco pela execução da poesia (sobretudo no período pós-clássico) e por todos os elementos com ela relacionados: géneros representados, instrumentos, dança, entre outros. Miguel Ángel Rodríguez Horrillo (Universidade de Saragoça), em “Plutarco y el arte de escribir historia: Tucídides trágico (*De Gloria Atheniensium*, 3, y *Vida de Nicias*, 1, 1)”, reflecte sobre o juízo estético que Plutarco faz da obra de Tucídides. Vicente Ramón Palerm (Universidade de Saragoça), em “La irreligiosidad como técnica probatoria: dictamen de Plutarco sobre Heródoto”, associa a crítica do moralista (helenocêntrico e profundamente religioso) ao filobarbarismo do historiador, que faz remontar a origem de muitos aspectos da cultura grega (incluindo alguns deuses) ao antigo Egipto. José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), em “As artes plásticas em Plutarco: o exemplo do Doríforo de Policeto”, salienta a importância que o escultor daria ao pormenor, à simetria e harmonia na produção das suas obras e a forma como isso transparece dos textos do biógrafo. Sven-Tage Teodorsson (Universidade de Gotemburgo), em “Plutarch on the Noble Art of Preserving the Health”, percorre as diversas indicações que o Queroneu fornece em prol da manutenção de uma boa saúde: comer e beber com moderação, dormir e praticar exercício físico moderado. Frances Titchener (Universidade de Utah), em “Plutarch the Architect: the Structure of Plutarch’s *Nicias*”, defende que a estrutura interna desta vida assenta na conjugação de diversas situações de contraste: desde logo, num nível mais geral, aquele que existe entre o desejo dos Ateníenses de alcançar a glória na guerra e o seu fim ignominioso; num nível intermédio, aquele que existe entre o carácter e a actuação de Nícias e dos seus adversários políticos e, finalmente,

num nível mais particular, privado, aquele que existe entre a renomada piedade deste estadista e a sua não menos famosa superstição. Luc Van der Stockt (Universidade Católica de Lovaina), em “Plutarch and the Art of Drama”, fala da atitude de Plutarco em relação à comédia, ao mimo e à tragédia (assente na ideia de que o modo dramático é um precioso instrumento para a formação ética dos indivíduos) e da influência que os textos dos tragediógrafos exercem na obra do Queroneu. José Vela Tejada (Universidade de Saragoça), em “Plutarco y el arte de la guerra: a propósito de *Sobre si los Atenienses fueron más ilustres en guerra o en sabiduría*”, põe em evidência a importância da existência de “homens de acção” (que ilustram a perfeição da mensagem ética), entre outros motivos, para que os homens de Letras possam ter temas para os seus textos. Paola Volpe Cacciatore (Universidade de Salerno), em “*Quale sia la tua sorte, meglio il lavoro*: Plutarco, fr. 44 Sandbach”, reflecte sobre o emprego do verbo ἐργάζεσθαι neste fragmento.

Já os estudos subordinados à temática “Plutarco y el mito” são três. No primeiro, “Plutarco y la religión persa: el dios Mitra”, Israel Campos Méndez (Universidade de Las Palmas de Gran Canaria) discute, entre outras questões, o emprego do atributo μεσίτης associado a Mitra e demonstra que as referências a este deus na obra do Queronense devem ser consideradas no contexto em que ocorrem e não isoladamente. No segundo, “Plutarco y el mito di Filottete”, Gennaro d’Ippolito (Universidade de Palermo) passa em revista as treze alusões ao mito de Filoctetes que ocorrem na obra de Plutarco e conclui que, embora prefira exemplos históricos, o biógrafo não se coíbe de recorrer aos míticos se estes testemunharem valores antropológicos e éticos. Por fim, no terceiro, “Plutarco y el mito de Orfeo y Eurídice”, Ramiro González Delgado (Universidade da Estremadura) relaciona o mito em causa com o de Admeto e Alceste e com o de Protesilau e Laodâmia.

Do antepenúltimo bloco conjunto temático – Plutarco y el humanismo – fazem parte cinco estudos. María de la Luz García Fleitas (Universidade de Las Palmas de Gran Canaria), em “Plutarco y Cleopatra. Apuntes sobre el personaje de Cleopatra VII en el drama europeo del s. XVI”, tece algumas considerações sobre a influência da *Vida de António* em dramas ingleses, italianos e franceses do século XVI, nomeadamente no que respeita à criação de uma imagem idealizada de Cleópatra. Ángel Narro Sánchez (Universidade de Valência), em “Plutarco en el *De officio mariti* de Luis Vives”, demonstra a forte influência da obra do Queronense no tratado do moralista valenciano. Jesús María Nieto Ibáñez (Universidade de Leão), em “El arte del buen

gobierno en Pedro de Valencia: los *exempla* de Plutarco”, recorda passos da obra do Queronense aos quais Pedro de Valência recorre para exemplificar algumas virtudes fundamentais para o bom governante e a forma como concilia uma fonte pagã com as regras cristãs. Luis Miguel Pino Campos (Universidade de La Laguna), em “La obra jurídica de Juan de Solórzano y las citas de Plutarco”, parte de doze citações de Plutarco que ocorrem em *De Indiarum iure siue de iusta Indiarum Occidentalium inquisitione* para precisar o método de referir as fontes documentais utilizado pelo humanista espanhol e as causas que o levaram a incluir aqueles trechos nas suas obras jurídicas. Também Germán Santana Henríquez (Universidade de Las Palmas de Gran Canaria), cujo artigo “El arte de la cita en el Humanismo. Plutarco en las crónicas de Indias: su presencia en la *Monarquía Indiana* de Juan de Torquemada”, se dedica a enumerar diversas referências a passagens das *Vitae* e dos *Moralia* utilizadas pelo franciscano Juan de Torquemada para enriquecer a sua obra.

Na penúltima parte, sob o tema Plutarco y la tradición clásica, encontram-se reunidos seis outros estudos. Pilar Berberana Huerta (I. E. S. Arencibia Gil) e María Goretti Rodríguez González (I. E. S. Arguineguín), em “La huella de Plutarco en Baltasar Gracián”, comparam o conceito de amizade em Plutarco e em Gracián. Aurelio J. Fernández García (I. E. S. Viera y Clavijo), em “La teoría musical de Aristóteles en el tratado *De música* de Ps. Plutarco”, concentra a sua atenção na teoria da perfeição matemática e física do acorde harmónico defendida por Aristóteles e presente no diálogo atribuído ao Queroneu. Gabriel Laguna Mariscal (Universidade de Córdoba), em “El vegetarianismo de Plutarco y su proyección en la cultura moderna: la canción ‘Sarcófagia’ de Franco Battiato”, além de percorrer os argumentos que o moralista de Queroneia apresenta contra a ingestão de carne no “De esu carnium” e de fazer uma breve resenha da recepção deste tratado da Antiguidade aos nossos dias, confronta a letra da música “Sarcófagia” do italiano Franco Battiato (2005) com o opúsculo que lhe serviu de inspiração. Antonio María Martín Rodríguez (Universidade de Las Palmas de Gran Canaria), em “Ecos plutarquianos” en una tragedia canaria sobre el tema de Espartaco”, contextualiza o despertar do interesse pela figura de Espártaco a partir da segunda metade do século XVIII e analisa os elementos da *Vida de Crasso* que Antonio Rodríguez López aproveita para redigir a tragédia que consagrou ao escravo trácio. Luísa de Nazaré Ferreira (Universidade de Coimbra), em “Los tapices de la *Historia de*

Alejandro Magno y la influencia de Plutarco”, fala da ascendência da *Vida de Alexandre* nas tapeçarias que reproduzem a história de Alexandre Magno, da autoria de Charles Le Brun, como ponto de partida para o estudo dessa mesma influência nas coleções que existem em museus portugueses e que, na maior parte, têm como fonte a obra do francês. Carmen Sánchez Mañas (Universidade de Saragoça), em “Estudios sobre las reminiscencias herodoteas en los diálogos píticos de Plutarco”, perscruta vários passos dos mesmos para demonstrar a importância das reminiscências das *Histórias* de Heródoto nestes textos do Queronense, não só no que respeita à construção da argumentação e à apresentação de exemplos, mas também para dar vivacidade aos diálogos.

A última secção – *Varia* – agrupa quatro textos que, pela sua temática, não foram incluídos nas partes anteriores. Figura em primeiro lugar o estudo da autoria de Casilda Álvarez Siverio (Universidade de La Laguna), intitulado “El efecto de la deuda pública en el ámbito femenino del *Solón*”, no qual são enumeradas e analisadas as consequências que, segundo Plutarco, as mudanças legislativas introduzidas por Sólon impuseram às mulheres quer no espaço público quer no recesso do lar. Em segundo lugar, Jolanda Capriglione (Universidade de Nápoles II), em “Plutarco: il gioco della fantasia nella rappresentazione”, faz uma breve síntese da história do conceito de ‘fantasia’ até Plutarco (inclusive) e atribui à fortuna deste autor ao longo dos séculos a associação de *phantasia* à *poiesis*. Em terceiro, Marta González González (Universidade de Málaga), em “La legislación funeraria soloniana y su huella arqueológica”, procura relacionar as alterações legislativas que, segundo Plutarco, Sólon terá imposto no âmbito dos ritos fúnebres com os vestígios arqueológicos que sugerem o progressivo desaparecimento dos *Opferrinnen*. Finalmente, Juan Antonio López Férez (Universidade Nacional de Educação à Distância – Madrid), em “Los Celtas en Plutarco”, dedica-se ao estudo das ocorrências (nas *Vitae*) de gentílios e corónimos alusivos aos Celtas.

Este volume, de aspecto gráfico elegante, dá, mais uma vez, testemunho do interesse que a obra de Plutarco tem vindo a despertar em estudiosos de todo o mundo, sobretudo nas últimas duas décadas. Os textos que o constituem são, no geral, de grande qualidade, mas o trabalho de edição poderia ter sido mais minucioso no que respeita, por exemplo, à uniformização da apresentação das referências bibliográficas no final de cada estudo.

ANA GUEDES FERREIRA

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_66_32